

A Fraternidade

ORGÃO DOS CAIXEIROS E DO COMMERCIO EM GERAL

Quinzenario independente

DIRECTOR,
JOAO DE SOUSA

SECRETARIO DA REDACÇÃO,
FRANCISCO GUIMARAES

ADMINISTRADOR,
JOSÉ CARVALHO

Assignaturas (Pagamento adiantado)
Portugal, um anno 600 rs.—Semestre 300 rs.
Brasil (moeda forte) 1200 »

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA BARJONA DE FREITAS, 38-2.º
Officina de impressão: Typ. «Minerva»—Famalicão

Annuncios (Preços convencionaes)
Não se publicam escriptos que tentem ferir
qualquer individualidade
EDITOR, FERNANDO MONTEIRO

IMPRESSÕES

Da educação

O analfabetismo em Portugal, dizem as estatísticas, é numeroso. As dividas fluctuantes, externa e interna do nosso paiz, dizem tambem as estatísticas, são fabulosas. Está, pois, o paiz hypothecado, as intelligencias mais esclarecidas estão vendidas e os espiritos por lapidação—os analfabetos—vivem socegradamente, pacificamente, ignorando a nossa verdadeira situação, o triste estado das nossas finanças, o nosso atrazo moral e material. Este conjuncto de fatalidades não constitue, porém, ainda, todo o nosso mal.

Ha outro muito peor, mais desolador, mais irremediavel: falta a educação aos letrados, aos que não se consideram analfabetos, aos que frequentaram as aulas de primeiras letras. Não é descabida a classificação em que um jornal, que não nos recorda agora o titulo, honrou a nossa patria: «Miseravel paiz de burros».

E' justo! E, comtudo, a culpa d'esta insustentavel situação pertence a todos: a todos! A iniciativa particular, que tanto podia fazer, que tanto valor realisa e põe em acção n'outrós paizes, em Portugal é um elemento morto. A acção de Estado nada produz; os funcionarios pagos pelo paiz para fiscalisarem a educação geral ou para incutirem nos espiritos embryonarios os primeiros elementos educativos, abandonam os seus deveres, esquecem as suas funções, para só pensarem em politiquices de campanario e intrigas mesquinhas.

Isto não é um paiz, é uma manjadoura! Nós pensamos, agora, na maneira *original* como se educam as crianças no nosso paiz. Não ha ver-

dadeiramente educação: ha uma theoria, um systema antigo, um habito.

Assim, no nosso pequeno meio as manifestações d'este censuravel modo de educar são devéras flagrantissimas. Passa por nós uma criança, ainda de muito tenra idade, que ja profere palavrões obscenos; outra que nos fere com uma pedrada; outra que nos insulta em termos violentos com palavras que repugnam a um espirito bem educado. Mas isto não é tudo: não é novo, nem só nós vemos, os paes rirem-se das travessuras verdadeiramente condemnaveis praticadas pelos filhos. Ainda ha dias um cavalheiro estranho á nossa terra foi apupado, por um grupo de crianças, que o seguiam fazendo uma gritaria infernal, doida, indescritivel! Revoltando-nos contra o proceder das crianças demos origem a ser tratados grosseiramente por a mãe de um adolescente, que mais se salientou n'esta acção. Como é triste o pasmo boçal com que as crianças, e mesmo alguns adultos, fitam qualquer excursionista que nos visita! Pois é, infelizmente, muito frequente na nossa terra esta admiração injustificada, que tantas censuras merece, que tão claramente depõe contra a educação que hoje ministram ás crianças.

Como seria digna de louvor a auctoridade que tentasse corrigir estes pessimos defeitos!

Estas considerações, no nosso paiz, não teem importancia nenhuma: são banalidades que se perdem na indiferença costumada com que somos olhados.

A educação real e concreta, na nossa terra, é só uma simples convenção, uma chimerica! Não ha educações porque ellas não rendem dinheiro, nem produzem votos; não ha cuidado para a

fazer prevalecer porque as consideram incommodas, intuitivas, que, no meio d'uma multidão, nada exteriorisam, nada manifestam. Quem convive, porém, com pessoas bem educadas comprehende o erro grosseiro em que labutam dois terços da gente da epoca actual. A educação transforma o instincto feroz em sentimento delicado; um character irascivel e violento em um espirito razoavel e sensato; a grosseiria natural em um trato sensivel e terno. E que melhor virtude haverá que a educação?

NOTAS LIGEIRAS

A QUE VENHO

E' possivel que o leitor d'*A Fraternidade* embique com a nova secção que vê hoje pela vez primeira no jornal, e pergunte a si proprio ou ao seu visinho *a que vem* este novo collaborador.

Acho natural a sua curiosidade e satisfaço-lhe mesmo os seus desejos de saber *a que venho*. Para isso, não preciso senão dizer-lhe que—continuar. Isto quer dizer que não começo agora a faina de corrigir como entendo os erros da classe que este jornal representa, ou censural-os como melhor m'appeteça, com a correção que sempre me impuz seguir e com esta franqueza que sempre usei, rude embora, mas cheia de boa fé.

Continuarei pois n'este logar a apreciar os factos como eu os vejo sem olhar a caras ou a rotulos, despresando cotteries, não me importando com convencionalismos hypocritas e afastando para o lado toda a especie de barreiras que se me queiram atravessar no caminho para cortar a direito.

Agradará este meu feitio? Não agradará?

Pouco se me importa sabel-o. Seguindo os dictames da minha consciencia julgo ter cumprido com o meu dever.

De resto, não me furtarei nunca a discussões de qualquer especie desde que o meu contradictor seja um homem, e não ponho duvida em dar a

mão á palmatoria se vir que a força dos argumentos que me apresentam supplantam os meus.

Posto isto, que eu julgo necessario para *introito*, começarei

Descanso dominical

Ha ainda muito boas almas, benza-as Deus! que não estão d'accordo que se reclame o descanso hebdomadario *por lei camararia*, como a classe no Porto resolveu, porque... se devia fazer a reclamação ao governo, para ser geral em todo o paiz.

O argumento é tolo de todo e facilmente rebatido por quem tenha uma pequena aresta de bom senso, mas não será de mais explicar porque a Grande Commissão do Descanso, resolveu optar por esse meio, como o mais viavel, para se conseguir alguma coisa.

Ninguem ignora como os governos da monarchia teem vivido n'estes ultimos annos e qual tem sido a sua obra nas cadeiras de poder.

Pouco tem sido o tempo para tratar de convenios, viagens custosas, dissoluções de comarcas e de camaras, eleições, combates entre os gallos por causa de pennachos e sobretudo de tabacos, esses famosos tabacos que constituem, pelas refinadas patifarias que nos tem revelado, o mais eloquente libello contra o regimen e os seus sustentaculos.

N'uma palavra: Os governos não teem cuidado d'outra coisa que não sejam questões politicas ou pessoas. D'interesse publico nada teem feito nem, pela feição que as coisas vão tomando, se importarão tão cedo de decretar o descanso dominical por lei do Estado.

Em vista d'isso e depois de bem se comprehender que dos governos nada havia a esperar, pelo momento, conviria continuar com o platonismo das representações que, quando muito, seriam tomadas em consideração? A Grande Commissão não o entendeu assim, e accordou que o melhor seria appellar para a Camara Municipal, reclamando-lhe a inclusão no respectivo codigo d'uma postura que garanta o descanso do domingo, no limite do possivel, quer dizer, sem prejuizo para patrões e publico, e bem assim reclamar do governo auctorise para tal fim a Camara, visto que as

suas resoluções mais importantes estão indevidamente sujeitas ao poder central.

Foi isto que resolveu a Grande Comissão e estou certo de que os resultados não se farão esperar.

Desde que tal postura seja decretada pela nossa edilidade, não nos restam duvidas que outras, como Lisboa, Setubal, Braga, Barcellos e Povoá seguirão o exemplo da nossa, o que facilitará d'uma forma incontestavel a promulgação do decreto por lei do Estado.

Creio que isto não tem sido comprehendido como devia e lamento mesmo que o *Caixiro* de Lisboa e a *Luz do Commercio* do Porto, não tenham prestado a esta causa mais espaço nem tanto mesmo, como o que lhes gastam em suas columnas as *cartas abertas* que variás cabeças... fechadas para esses jornaes costumam enviar.

Porto, maio de 1906.

Arthur.

CARTA DO PORTO

Descanso dominical — Relatorio apresentado á grande comissão — União dos empregados de commercio — Raul Doria — Antonio Augusto Cardoso — Congresso internacional.

Se estivessemos em pleno regimen liberal e as leis fossem rigorosamente cumpridas, a estabilidade dos governos era uma garantia de progresso e civilização e nós saberíamos que os ministerios só caíam perante os grandes movimentos de opinião publica, manifestados sobre tudo no suffragio eleitoral; mas estando esmagados pelo despotismo, não sabemos se quem governa mudou de ministros d'um dia para o outro como quem muda de botas. A grande questão é que ninguém se póde preocupar a serio com os grandes problemas nacionaes, porque nem os ministros sabem se amanhã ainda o serão, nem nós a quem nos havemos de dirigir, tal é a situação em que nos temos encontrado com referencia á lei do descanso dominical.

Tinhamos grandes esperanças que a camara municipal d'esta cidade decretasse o encerramento das lojas ao domingo, estabelecendo uma postura; mas, segundo consta, vae ser dissolvida, o que não era preciso por estar a terminar o seu mandato, e nomeada uma comissão administrativa afim de evitar que se realizem eleições que os republicanos tem probabilidades de ganhar.

Se assim fór, fica addiada mas uma esperança, mas como parar é morrer, vamos deitando lenha n'esse grande caldeirão nacional chamado «descontentamento publico», até vêr se um dia rebenta, fazendo surgir triumphante essa bella rapariga de barrete phrigio que os fracos, os humildes e opprimidos, não es-

quecendo o contribuinte, tanto desejam acclamar sem a ameaça da negra lei 13 de fevereiro.

Relatorio — Anibal Martins, delegado da União á grande comissão, já apresentou os seus trabalhos n'um bem redigido relatorio, que constitue mais um precioso documento para a historia do descanso dominical.

Que os seus trabalhos sejam coroados do melhor exito, é, sem duvida, não só o nosso desejo, mas tambem o de todos os caixeiros.

— **União dos Empregados de Commercio** — Foram eleitos para os corpos gerentes, cujo mandato termina em 31 de dezembro do anno corrente, os seguintes associados:

Assembleia geral

Presidente, José da Silva Reis; vice-presidente, João Luiz Teixeira Alves; 1.º secretario, João Fernandes de Oliveira; 2.º secretario, João Lima; vice 2.º secretario, Joaquim José Coelho.

Conselho director

Presidente, Raul Doria; vice presidente, Evaristo Augusto Leite Ribeiro; secretario, Amilcar Cesar; 2.º secretario, Antonio Augusto Baptista Junior; thesoureiro, Antonio Augusto Corrêa Pessoa; vogaes: João Antonio Vieira de Magalhães, João Gonçalves.

— **Raul Doria** — Este nosso antigo amigo e collega, presidente da União, partiu para Paris e Bruxellas, em viagem de estudo.

Que seja muito feliz e em breve volte ao convívio dos seus numerosos amigos que tanto o estimam, são os nossos votos fervorosos.

Antonio Augusto Cardoso — Em nome dos bons e leaes amigos da União, felicitamos o honrado thesoureiro que no longo periodo de cinco annos, em que exerceu este cargo, atravessou grandes e duras difficuldades que, em grande parte, a sua energia, fé e dedicação venceram.

Em signal de regosijo e satisfação, um abraço de profundo reconhecimento e que a União conte sempre d'estas grandes dedicações, é o nosso ardente desejo.

Congresso Internacional — Acabamos de traduzir as resoluções d'este importante congresso realizado em Londres e cujo estudo e execução recommendamos aos poucos que se interessam pelo bem e emancipação da classe.

São publicadas no proximo numero de «A Luz do Commercio».

25-5-1906.

Baptista Junior.

Falta d'espaco

Ficam de fóra, por esta razão, correspondencias de Villa do Conde, Lamego (particula 1, Ollhão, e out os artigos da redacção, do que por certo nos desculparão os seus auctores.

Tribuna dos operarios

Reivindicação de direitos

Luctar e vencer, é tudo uma jornada d'audacia!

A victoria é sempre para aquelles que — unindo-se — sabem impôr o direito e a razão sobre os costumes que o Progresso e a Humanidade vão fazendo caducar, como este que obriga o proletario a trabalhar d'esde o romper d'aurora até noite cerrada e — quantas vezes? — até pela noite dentro!!

Estes costumes que a rotina tem decretados e que tem prevalecido como que uma lei, embora anti-liberal, vão, felizmente, sendo aniquilados por esse luctar inconstante do trabalhador, que não cessa de pedir melhoria de situação. E esta lucta vencerá esses «costumes» des-humanos, tão injustos quanto odiados por todos os que que-rem vêr a independencia do proletariado universal — independencia esta que não é a supremacia do operario sobre o patrão ou sobre o mestre, mas que ha-de ser a equiparação do trabalho á energia muscular de quem labuta.

Excessos de exigencia não podem nem devem ser attendidos, mas tambem não deve consentir-se que o mestre d'obras arranque o ullimo do suor ao desgraçado operario.

Este precisa de trabalhar, para ganhar o sustento da familia; e o mestre precisa de compadecer-se d'aquelle que — sendo seu semelhante — lhe conquista glórias d'arte e que vive trabalhando em excesso 14 a 16 horas por cada dia!

O corpo não é de ferro para sustentar esses excessos: — o proprio ferro desgasta-se, como a machina movida pelo vapor se inutilisa mais rapidamente com movimentos excessivos.

É preciso, pois, que os mestres e operarios acordem de modo que fique bem normalisado que o operario não póde sustentar excessos de trabalhos, como esses serões e madrugadas a que muitas vezes o mestre os obriga, sem outra remuneração que não seja a feria diaria da semana ou da quinzena!

Esther.

ANTONIO JOSÉ D'OLIVEIRA

Morreu no Pará, estado do Brazil, para onde em outubro do anno passado partira, o nosso querido amigo e collega Antonio José d'Oliveira.

E é ainda de baixo da commovedora impressão que sentimos ao receber a triste noticia, que este acontecimento referimos.

Antonio d'Oliveira, a quem uma corrente da mais pura amizade nos ligára, era d'aquelles que, com rara dedicação e com a mais pura lealdade, combatera a nosso lado pelas regalias da nossa classe.

D'aquelle peito de luctador —

nunca um aborrecimento se apossára; nem nunca uma hesitação sentira, ainda que tivesse d'expôr-se a um sacrificio!

Amigo a valer d'aquelles que o acompanhavam sempre, elle era tambem dos que nos acompanharam nas luctas associativas e nas luctas da imprensa da classe.

Na Associação dos Empregados no Commercio de Barcellos, onde serviu tres annos, como vogal e secretario da direcção, elle deixou assignalados importantes serviços.

Na imprensa da classe — na «Luz do Commercio» e na «Fraternidade», deixou judiciosos escriptos, todos em defesa da nossa causa.

Era, enfim, um crente no despontar de uma aurora nova, para a nossa infeliz classe.

No Brazil, elle recebia o nosso humilde jornal como se elle levasse um abraço d'amigos. Em uma das cartas que nos escreven, disse:

«Não calculas, meu amigo, a alegria que sinto ao receber o vosso jornal. Leio-o soffregamente, desde a primeira até á ultima columna e, d'essa leitura, fica-me a convicção de que continuas pelejando pela causa que com o mais grande amor tambem servi, embora modestamente.

Ao lê-lo, recordo-me d'essas luctas em que com vós eu tambem me envolvi. Recordo o vosso levado, recordo a nossa Associação, a nossa linda villa, onde tenho amigos de uma dedicação rara.

A saudade apossasse de mim ao pensar que estou longe de vós e que tarde ali voltarei — se voltar!...

Longe da minha Patria, do meu torrão natal, dos meus amigos e dos meus companheiros de luctas, estimo sempre as noticias que d'ahi recebo, pelo vosso e por outros jornaes e tambem pelas que me são transmitidas em cartas.

Tu, a quem sempre tenho encarregado de abraçares por mim os meus amigos, nunca te esqueças de me dizer, sempre que possas, o que por ali vae.

Recommende-me aos amigos Corrêa, Pires, Guimarães, Gonçalves, Carvalho, Ferreira, Brito-Pedro, Maciel, Costa, e final, mente, a todos os meus amigos, que conheces.»

O nosso presado amigo, morreu! O nosso coração é ainda atravessado, e sel-o ha sempre, pela dor que o atravessára no momento em que tivemos conhecimento do desaparecimento do mundo dos vivos d'aquelle que muitos incitamentos nos dera para proseguirmos n'esta ardua tarefa da imprensa.

Que descanso em paz o saudoso companheiro!

— A Associação dos Empregados no Commercio mandou resar, na ultima sexta-feira, e no templo da Ordem Terceira, uma missa por alma d'aquelle seu chorado associado e antigo director, a qual foi muito concorrida.

Correspondencias

Braga, 25

A Real Associação dos Empregados do Commercio (soccorros mutuos), rejeitou por unanimidade, em reunião da Direcção e conselho fiscal, a proposta apresentada pelos nossos illustres consocios, Jacques Nunes e Raul Guimarães, como representantes da Associação de Classe Commercial, para em vida commum e debaixo da mesma bandeira associativa, desenvolverem tan o quanto fosse possível o seu meio prophylático d'acção.

Não me detenho em largos commentarios, nem do facto que ro tirar a illação concreta que o caso reclama, por o terem já feito com toda a proficiencia de conhecimentos e basta illustração, os meus queridos collegas A. de Souza e Raul Guimarães, simultaneamente na «Luz do Commercio» e «Caixeiro»; simplesmente venho lavar o meu protesto e manifestar o meu profundo abatimento de desanimo, pela desorientação e pouco criterio que vejo em parte d'alguns meus collegas, que querem sustentar erroneamente o escalabro e a desunião entre a classe, n'um momento tão decisivo e critico, em que ella precisava de todo o apoio, e de fazer convergir toda a sua energia n'um ponto fixo e capital, para assim fazer valer e poder colher os resultados dos seus esforços, no tenacissimo trabalho em que está empenhada desde ha muito.

Porque se alguma coisa se tem feito em prol dos nossos direitos, se alguma coisa temos conseguido, á Associação de Classe Commercial o devemos. E porque? Porque a sua direcção ha muito que está entregue a Raul Guimarães e Jacques Nunes, dois nomes que se impõem ao nosso respeito e veneração, dois rapazes incansaveis, cheios de talento e boa vontade, e se não fosse o temer que ia ferir-os na sua grande modestia que muito aprecio, eu diria, que se a Associação de Classe Commercial existe, a elles se deve.

Pois, senhores, os laes da Real, que reconhecem tudo isso e o quanto é desinteressada para nós a junção, são tão cabeçudos e ineptos, que depois de se lhes mostrar as grandes vantagens, e de se lhes esclarecer por meio d'um relatorio os direitos d'acção com que cada uma fica de futuro, nem assim desceram do seu alto pedestal de incomprehensão e estupidez! Tenho dito. E para os poucos que me lerem, creio bem, ficaram elucidados da quanta caturrice por aqui existe ainda em alguns collegas, que até me envergonho de assim os considerar.

Vale.

Famalicão, 26

Como no numero ultimo narrei, realison-se o spectaculo, que o distincto Grupo Gil Vicente de Guimarães offereceu aos Empregados do Commercio, sendo a receita em beneficio do cofre da Associação.

Otheatro encontrava-se com

pletamente repleto; notando-se muito na ornamentação que, caprichosamente feita por diversos collegas, produzia um deslumbrante effeito.

O atrahente spectaculo principiou pouco mais das 9 horas, terminando á 1 hora da manhã.

A tuna famelicense abriu pelo hymno dos Empregados do Commercio, que foi ouvido com assistencia de pé; n'este momento o theatro produzia um aspecto maravilhoso e deslumbrante.

Em seguida o distincto Grupo honrou-nos com as engraçadas comedias «Calculo errado» e «Almas do outro mundo».

Todos se houveram optimamente, sendo, Santos Carvalho no papel de Maximo, A. Souza no Binómio, sr.ª D. D. C. Costa no de Clotilde sobrinha, sr. D. D. A. Roriz no de Alice filha, Delphin Guimarães no Lucas creado, J. Roriz no de Rodrigo Gallo, e Luiz Branco no de Aniceto Camello.

Foram todos muito applaudidos.

N'um dos intervallos recitou a cançoneta Pouca sorte o sr. José Maria da Graça, sendo despertada attenção e gargalhada, nos espectadores. Escusado será dizer-se um excellente *disseur*, porque nos papeis antecedentes que tem desempenhado, deu sempre provas d'um artista apreciavel, o que muito honra a *troupe* a que pertence.

Nos intervallos a tuna famelicense executou algumas peças do seu melhor repertorio, o que foi muito applaudido, bem como o seu director sr. Daniel Corrêa.

Foi uma noite deliciosamente passa'a. Em todos os collegas se notava vivacidade, e entusiasmo pelos seus sacrificios estarem a vigorar debaixo do melhor regimen que dar se pôde.

Hurrah! Meus sinceros camaradas, fazei sempre por coopear com a sympathica direcção, especializando José Ramos, que tem sido um incansavel pela classe, um luctador pela nossa Associação que a muitos esforços conseguiu elevar ás congêneres d'uma qualquer do paiz.

—Está definitivamente resolvido entre os Empregados do Commercio o illuminar o edificio da Associação para as festas Antoninas, bem como ornamentação para assim poder-se receber os confrades de diversas terras, honrando-nos com sua bemviuda visita.

Olsenre.

Penafiel, 26

Produziu pessima impressão n'esta cidade, como de resto em todo o paiz, a intempestiva e injustificada prohibição das festas escolares que deviam realisar-se amanhã. Dizem os sabios da natureza que tal medida foi determinada por questões de ordem economica, visto achar-se exgotada a verba de instrucção primaria, etc., como se o dispendio de alguns centos de mil réis pudesse influir desastradamente nas nossas finanças, jámais sendo destinados, como eram, a uma festa tão util como sympathica!

Que se córte uas despezas superfluas e improductivas, é

um acto de boa administração apenas digno de applauso; mas que este córte se estenda a despezas necessarias e auxiliadoras do desenvolvimento intellectual da mocidade, é um acto de mesquinha sordidez que evidentemente acarreta ao governo muita antypathia, com o que elle talvez pouco se importe, mas que vale a pena ser considerada, pois que,—e temos recentes exemplos,—sem o apoio d'essa massa anonyma chamada o povo é difficil, senão impossivel, a marcha regular de qualquer situação politica.

Mas... ponhâmos ponto sobre o assumpto, visto que a factos consumados não valem todas as rhetoricas d'este mundo, que é uma bola que rebola...

—Realisam-se nos dias 13 e 14 do proximo mez de junho as tradicionaes festas do Corpo de Deus, que pela sua feição typica, costumam trazer a esta cidade grande numero de forasteiros de varios pontos do norte. Uma das maiores curiosidades d'estas festas são sem duvida os celebres bailes dos Sapateiros, dos Alfaiaes, etc., que nos dão a illusão de estarmos assistindo a um verdadeiro carnaval... de Veneza.

Quem não gosta absolutamente nada d'esta festa são os carneiros, conhecidos aqui pelo nome de anhos, pois n'esse dia ha matança geral, sendo prato obrigado desde a meza mais modesta á mais lauta. Tanto assim é, que corre com visos de verdadeira a seguinte anecdota: um homemsinho estava para responder no tribunal por um crime qualquer de que devia ser condemnado, e como não tivesse meios para pagar as custas, arranjou um attestado de pobreza passado pelo respectivo parcho que n'elle dizia: atesto e juro que o supplicante F. é tão miseravel que nem no dia do Corpo de Deus mata auho! Extraordinario, não acham?

—Depois de uma série ininterrupta de dias verdadeiramente invernosos surgiu emfim o bello e radioso sol, sendo surprehendente o aspecto que apresentam agora os campos. Vou ver se consigo dar um passeio por elles em fóra, a ver se allí bebo a inspiração precisa para tornar mais interessante estas insulsas correspondencias....

Até breve.

Seolas.

Tribuna dos operarios

De harmonia com as declarações que fizemos na reunião dos operarios, realisada no penultimo domingo na sala da sua Associação, inauguramos hoje uma secção com o titulo acima, dedicada á classe operaria d'esta terra. E podem os operarios escrever allí, sempre que queira defender na sua Tribuna os seus direitos, porque a secção inaugurada só a elles pertence.

Ruidos do Lima

I

E' esta a minha primeira correspondencia enviada d'esta localidade para a nossa nunca olvidada *Fraternidade*.

Em Arcos de Val de Vez, minha saudosa terra natal, onde exerci o cargo de correspondente d'este, para principiar collaborando n'este nosso acerrimo defensor abri uma secção que epigraphiei *Ruidos do Vez*.

Foram poucos os meus escriptos, porque pouco foi tambem o tempo que exerci esse cargo; mas durante esse curto espaço luctei conforme os meus recursos intellectuaes pela nobre classe á que tenho a honra de pertencer.

E é por isso que—leaes confrades—eu venho mais uma vez ás columnas d'este periodico para, sempre que possa, mostrar que não desapareci, que as minhas ideias fluctuam no mesmo ponto e que não reajo ao mais valente impulso.

O meu ideal ha-de, emquanto que o não ponham em pratica, ser sempre o mesmo.

Pugnar por um dever assás justo e obrigatorio, por um dever immarcescivel que ha tantos annos ferve com uma impavidez indescriptivel nos cerebros do caixeirato portuguez, e nada mais. Eis o fim em que me apoio!

A occasião torna-se propicia, portanto—rapazes—coragem! envidae os vossos maiores esforços, sacrificae o vosso espirito, soffrei um pouco porque assim é preciso para vermos coroados de bom exito os nossos inabalaveis desejos.

Venha pois o descanso dominical!...

Não é só uma victima a reclamar-o, são vinte e cinco mil.

Não será então justo—oh! intellectos que á frente do paiz estaes—que uma classe como a nossa composta quasi com mocidade, tenha um dia de repouso durante seis continuos de labôr insano?

E', ninguem o pode contestar!

O operario tem o domingo livre; os empregados officiaes igualmente; os que se occupam em dirigir qualquer trabalho tambem tem o domingo para descanso!

Porque razão não gosam os empregados commerciaes, ou sejam os—caixeiros portuguezes—dos mesmos direitos?

Porque razão os trazem sempre opprimidos, sacrificados, presos n'essas fetidas e nojentas lojas (com excepções) que prejudicam a hygiene e saude publica, resultando d'isso a morte a qualquer de nós?

Porque razão não teem elles, como todas as classes trabalhadoras, o domingo livre? Oh! é porque d'entre os seres humanos ha distincções!!!...

Pobre Portugal!

Ha vinte e tautos annos que o descanso dominical tem

sido por nós reclamado. Durante o decorrer d'este tempo têm feito ás nossas supplicas, os senhores governantes, ouvidos surdos.

Se a causa que vimos emprehendendo fossem tabacos, ha mui o que estava resolvida e decretada, não a deixavam immersa no silencio!

Mas... não rende...

Pois sr. *conselheiro Hintze Ribeiro, illustre ministro do reino e presidente de ministros*, precisamos que v. ex.^a nos oiça as nossas supplicas, que nos estabeleça uma lei que nos garanta o *descanso dominical* em todo o paiz, que elle seja decretado o mais depressa possível, que nos arranque d'este abysmo profundo para conhecermos o que é a liberdade!...

Aos meus inolvidaveis e affectuosos amigos e companheiros das lides quotidianas do meu torrão natal, d'onde me retirei ha pouco, venho por este meio pedir mil desculpas por lhes não dar ao menos um adeus por despedida!

A consideração em que sempre me tiveram, a affabilidade de seus tratos e alguns favores pessoases, são coisas que se não pagam com palavras; e é por isso que muito reconhecidamente lhes agradeço, a todos em geral, e ao mesmo tempo lhes offereço o meu limitadissimo prestimo aqui n'esta risonha villa do Lima.

Não podendo deixar de especialisar os confrades José Bernardino Vieira da Silva, Arnaldo Mario Lourenço, José Joaquim Crespo, Antonio Fernandes, Eugenio Baptista da Silva, e o meu particular amigo Joaquim da Cunha Lima, a quem confiei o cargo de correspondente da nossa bemquista «Fraternidade», cargo este que eu alli exercia.

Portanto, carissimos amigos, recebei um abraço pela nossa sempre boa camaradagem!

Hurrah! pelos caixeiros dos Arcos!...

Hurrah! pelos de Ponte do Limal...

Ponte do Lima, 10-5 906.

Magalhães Junior.

Nos «Grandes Armazens de Fazendas de Aurelio Ramos», encontra-se á venda variadissima colleccção de tecidos proprios para verão, como cassas, «voils», cotins, alpacas para fatos d'homem e vestidos de senhora, etc. etc.
Preços sem competencia.

Tremores de terra

Tem-se repetido na America, embora menos violentos, os abalos sismicos, aterrando deveras as populações.

O caso não é para menos, realmente, pois as catastrophes do Vesuvio e de S. Francisco estão bem recentes ainda com os seus horrores.

Notas ligeiras

São de Annibal Arthur de Vasconcellos Martins as *notas ligeiras* de hoje—secção creada por aquelle nosso prestantissimo amigo.

Este nosso novo collaborador effectivo—que não é mais que uma gloria para a vida jornalística do nosso humilde jornal,—declara-nos e pedenos para que tambem aqui o declaremos—que todos os seus escriptos serão firmados por Arthur.

A Annibal Martins — de quem esperamos um grande auxilio na execução do novo programma e da nova orientação jornalística que em breve vamos tomar— os nossos agradecimentos.

—Para as *notas ligeiras*, chamamos, sempre, a attenção dos leitores.

IMPRESSÕES E ASPECTOS

Factos e coisas

Foi sob esta a epigraphe que dei inicio aos meus pobres escriptos e é sob o seu dominio que sempre me conservarei, tomando por lêmna defender os opprimidos a pugnar pelos seus legitimos direitos: fazer faiscar a luz confusa do progresso e até ver mais, fluctuar aos quatro ventos, e victoriosamente, a bandeira da Liberdade, do Direito e da Justiça; reprimir abusos indecorosos e desmascarar energicamente perfidos traidores.

Eis o meu programma.

Magalhães Junior, essa grande alma, esse espirito emprehendedor, fugiu-nos para proseguir na sua carreira commercial; abandonou a terra que escutou os seus vagidos de criança, abandonou o lar paterno, onde deixou algumas gottas da seiva do seu amor, algumas fibras do seu coração; afastou-se da casa onde recebeu beijos de ternura e sorrisos d'affecto!

Fugiu-nos!—que ingratas palavras! ..

Dizel-o é, unica e exclusivamente, confessar o facto, senti-lo, é qual lagrima de caridade rojando pelas faces!

Safon-se-nos! Portanto os *Ruidos do Vez*, que sempre occuparam, nas columnas d'este intrepido campeão, um lugar proeminente, foram com o seu auctor, porque só os seus sentimentos os sabiam comprehender, só a sua penna os sabia descrever e fazer resaltar.

Elle e o meu particular amigo João de Sousa offerceram-me o cargo que aqui exerceu. Mil vezes obrigado. Aceite o alvitre, eis-me no cumprimento do meu dever. Encontro-me todavia debaixo d'uma impressão verdadeiramente esmagadora ao ver que arremessei á margem do esquecimento os sonoros *Ruidos*. E como me treme o mão, como sinto o vacillar da coração, o titubiar do pensa-

mento, as hesitações da minha alma!

Mas... não! Elles pertenciam ao seu auctor e por isso fugiram com elle; alem d'isso, assim como as obras dos grandes escriptores são immortaes e se agitam á superficie d'uma atmosfera de luz e oiro, tambem os *Ruidos do Vez* não podem passar a esse lethargo da indifferença, ou, como disse, esquecimento, já pela causa que sempre advogaram, já pela fórma como defendiam os interesses d'uma classe séria, honrada e digna; e o seu auctor, o arreigado evangelizador da verdade, prevalecerá sempre na mente dos que o admiram e vêem n'elle, não um rapaz vulgar, mas sim um lutador leal.

Na qualidade de correspondente d'este jornal soube evidenciar os seus conhecimentos: os seus escriptos eram fulgurantes, espalhavam raios de claridade, vertiam chuvas de razão. Sem duvida. Pois esse rapaz, não obstante a sua joven idade e portanto um desconhecedor fundamental das experiencias da vida,—como eu tambem o sou, confesso,—já sabia, com tudo, qual a ordem do mundo, e, por isso, a ordem das coisas.

Estas palavras, singelas, cor-deaes, pouco eloquentes, despidas de phantasias, não tem, como muitos podem suppor, o menor vislumbre de lisonja; são, tão sómente, os traços leves d'esse character impolluto e apothose espontanea e franca que se desencadeou do anjo da minha gratidão e reconhecimento, tendo como protagonista n'esta consagração a minha inseparavel companheira—a sinceridade.

Mas,—ainda agora me recordo!—, o amigo Magalhães Junior vae zangar-se commigo... E' capaz de me chamar nomes feios... E' capaz de me escrever dando-me uma *chegadêl*... E, se o fizer, tem carradas de razão; verdade, verdadinha!...

Mas não estou convencido d'isso, pois tenho comprehendido, n'esse rapaz, uma bondade extraordinaria e uma brandura incomparavel. E' dos taes moços que se não existisse seria necessario invental-o.

Apesar de tudo isso, eu feri a modestia de Magalhães Junior! e elle, com certeza, vae-me chamar nomes...

Manoel Ayres Ferreira.—Retirou para Lisboa, onde vae continuar na carreira do commercio, este meu presado amigo.

Dizer alguma coisa sobre este rapaz, não sei. Além d'isso é

tão extensa e cheia dos mais dignos louvores a sua biographia e a sua vida publica, que levaria interminaveis dias a fazel-a. De mais a mais quem o conhece, como eu, desde a infancia, quando tudo nos sorria n'um céu d'azul e oiro, facil é de comprehender o quanto não seria necessario de papel para descrever minuciosamente esse rapaz! Chamo-lhe rapaz (pudêra!) porque com effeito o é, pois conta apenas a risonha idade de 21 annos.

Mas o seu corpo diminutivo, a sua physionomia alegre, jovial, o seu pequenino passo, as suas fórmas elegantes, tudo mostra, não um rapaz d'essa idade, mas sim muito mais novo—não querendo com isto dizer que aos 21 se seja velho; rãol! —Manoel Ayres Ferreira tambem nos fugiu! fez-nos a mesma *partida* que Magalhães Junior!

E isto não pôde ser!...

Pois admitte se por ventura que tendo um individuo criado relações d'amisade, tendo consagrado á terra em que está, todo o affecto do seu peito, tendo manifestado abertamente a suas alegrias n'esse pequeno meio, tendo, enfim, preso o seu coração apaixonado, d'um momento para o outro abandonado, sem dô nem piedade, todos esses attractivos?!

Ne peut pas être!...

Mas... mettendo as mãos no meu pensamento arranco uma divisa em que se lê:—trabalhae.

E' isso precisamente o que aquelles amigos foram fazer; é isso precisamente a norma da vida humana; é isso exactamente o marco milliario que, nos apparece na senda espinhosa do viver, como que querendo suavisar a nossa existencia.

Bemdito seja o trabalho, bemdito seja o amor e bemdito seja a cruz!

Manoel Ayres Ferreira, repito, ausentou-se dos amigos. Foi trabalhar porque no seu espirito levantavam-se novas perspectivas e a tentadora miragem de novos horisontes.

A retirada d'este amigo cavou em mim um vacuo de profunda saudade. Ainda me lembro das phrases que me saíram dos labios ao dar-lhes o abraço de despedida: «Vae, vae, meu caro Ferreira; o que eu mais folgo é que o porvir seja para ti uma flor mimosa, mergulhada no perfume d'uma felicidade sem limites»...

Adieu, jusque un jour!...

Arcos, 26—5—906.

(Continua). *Joaquim Lima.*

“A FRATERNIDADE”

Orgão dos caixeiros e do commercio em geral

BARCELLOS

En. mo. *J. L.*